

## POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

Leandro Damasceno Kreutzfeld <sup>1</sup>  
Sandrelena da Silva Monteiro <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é um recorte de uma Dissertação em andamento que, através dos referenciais teóricos sobre a pesquisa (auto)biográfica trazido por Delory-Momberger, Josso e Passeggi, sobre o processo de afiliação destacado por Coulon, da questão do sentido enunciada por Frankl e tendo como disparador a investigação dos porquês das nossas escolhas em um recorte específico, a dizer, o do campo educacional e profissional de estudantes de cursos de Licenciatura, tem como objetivo discutir possibilidades metodológicas de investigar, no campo da subjetividade, as motivações por trás de nossas escolhas. Especificamente, as motivações por trás da escolha e permanência da graduação em Licenciatura. Para isso, será apresentado brevemente, como se dá, ou não, o processo de afiliação de estudantes no Ensino Superior. Em seguida, relacionando-o com a questão do sentido presente na teoria da logoterapia e análise existencial. Por último, dialogar-se-á com as perspectivas metodológicas (auto)biográficas, investigando se, dentre suas possibilidades, está a de nos aproximarmos da subjetividade de cada aluno e aluna e conhecer um pouco mais sobre suas motivações, que possuem como pano de fundo, a questão do sentido. Em suma, a hipótese é que quanto mais sentido vemos naquilo que fazemos ou queremos fazer, maior é a nossa motivação para sua realização. Por fim, foi possível sinalizar que, através da construção de narrativas auto(biográficas), tende a ser possível investigar a subjetividade de cada um. E, a partir disso, estabelecer relações entre as escolhas realizadas e suas motivações.

**Palavras-chave:** (Auto)Biografia, Processo de Afiliação, Sentido, Licenciatura, Motivação

### INTRODUÇÃO

As temáticas trazidas neste artigo são um recorte que fazem parte de uma pesquisa maior que objetiva a obtenção do título de Mestre em Educação através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

O objetivo principal da dissertação é investigar os valores existenciais e os sentidos de vida que motivaram estudantes universitários de uma instituição específica, a saber, a Universidade Federal de Juiz de Fora e que cursam Licenciatura, a escolher e permanecer nesta habilitação. No recorte trazido neste artigo, irei trazer um pouco da revisão bibliográfica

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF leandrodk@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF sandrelenasilva@yahoo.com.br;

realizada para se conhecer melhor e investigar a possibilidade de uso da metodologia (auto)biográfica como suporte metodológico para se alcançar esse objetivo.

O tema da pesquisa surge, principalmente, a partir de estudos que vêm sendo realizados desde 2018 dentro do Grupo Acolhe: Estudos e Pesquisa em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana, situado na Faculdade de Educação da UFJF. Neles, nos aprofundamos um pouco no processo de transição e permanência do Ensino Médio para o Ensino Superior. Percebemos que existem muitos processos subjetivos, ou seja, referentes a cada pessoa que os experiencia, que são fundamentais para se conhecer melhor o que motiva a escolha e a permanência nos cursos de Licenciatura.

O processo de passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior não costuma ser fácil. E a pressão pela escolha do curso, que implica também em nossa escolha profissional, começa desde muito cedo, ainda quando crianças, pois frequentemente somos questionados sobre o que queremos ser quando crescermos, mas parece ter seu ápice no último ano do Ensino Médio. Para muitos alunos do Ensino Médio, fazer essa escolha é angustiante, pois envolve a dimensão temporal de uma vida inteira.

É uma escolha a ser feita quando ainda somos muito jovens e, por vezes, imaturos em relação ao que sabemos sobre nós mesmos, nossos gostos e preferências. Todos esses fenômenos subjetivos internos, mas que também possuem influências externas, interferem nessa e em outras escolhas de nossas vidas. Afinal, viver envolve fazer escolhas.

Coulon ressalta que a primeira coisa a ser aprendida por um aluno ou aluna que passa do Ensino Médio para o Superior, é o ofício de estudante (2008, p.31). Isso quer dizer que

[...] é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto-eliminar-se por que se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo. A entrada na vida universitária é como uma passagem: é necessário passar do estatuto de aluno ao de estudante. Como toda passagem, ela necessita de uma iniciação. (COULON, 2008, p.31)

Segundo o autor, é possível dizer que um aluno do Ensino Médio, a partir do momento que entra no Ensino Superior, precisa se tornar outra coisa: estudante. Há toda uma questão de um novo status social e de sucesso decorrente deste processo. Entretanto, para se alcançar esse novo status, é preciso passar por um processo que Coulon (2008) enuncia como o de afiliação.

Este processo ocorre tanto na esfera intelectual quanto institucional e podemos considerar que um estudante o atingiu com sucesso quando demonstra determinadas habilidades nestas esferas. Coulon ressalta:

Enfim chega o momento em que o estudante entra, progressivamente, em seu novo papel quando ele começa a se familiarizar com seu novo ambiente, que já não lhe parece mais hostil ou estranho, mesmo que ainda sinta ser necessário estar vigilante. Este é o período da afiliação, ao longo do qual o estudante se torna, definitivamente, um membro. Ele é marcado, em particular, por certo manejo das numerosas regras que organizam a vida social e intelectual do trabalho universitário, manejo que se manifesta em diferentes ocasiões. O estudante está agora duplamente afiliado: tanto no plano institucional, pois agora compreende e interpreta os múltiplos dispositivos institucionais que regem sua vida estudantil cotidiana, como passa a saber, igualmente, o que se espera dele no plano intelectual para que possa demonstrar sua competência. (COULON, 2008, p.193)

No entanto, diversos fatores perpassam a trajetória de um aluno que quer se tornar um estudante afiliado. Entre eles, questões que envolvem o sofrimento e o adoecimento discente, que podem estar relacionadas com o fenômeno da falta de sentido, enunciada por Viktor Frankl no livro introdutório sobre a Logoterapia e a Análise Existencial. Nele, o autor brevemente define de vazio existencial a expressão da falta de sentido.

O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. Isso é compreensível; pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história, o ser humano foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes, ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo). (FRANKL, 2021, p. 131)

Portanto, de forma simplista, podemos dizer que quando não encontramos sentido naquilo que fazemos, fenômenos como o sofrimento e o adoecimento têm mais chance de aparecer. Em contrapartida, se encontramos sentido naquilo que fazemos, Frankl, citando Nietzsche, afirma: “Quem tem *por que* viver, aguenta quase todo como”. (FRANKL apud NIETZSCHE, 2021, p.101)

Na passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior e até a permanência no mesmo, essa questão da escolha está explícita. O fato é que por trás de cada uma das nossas escolhas, existem uma série de fenômenos subjetivos que nos influenciam a optar entre as possibilidades disponíveis.

Tendo estabelecido este raciocínio inicial, era necessário encontrar uma metodologia que contemplasse, dentre suas possibilidades, a investigação destes fenômenos subjetivos

enunciados até aqui, mas, principalmente, dos valores existenciais e sentidos de vida que, apesar de não serem o foco deste artigo, são os principais fenômenos de pano de fundo da dissertação.

Com isso em mente, ou seja, para conhecer como essas escolhas são feitas, quais suas motivações, suas possíveis implicações e relações, e após uma revisão bibliográfica inicial, chegamos à metodologia da pesquisa biográfica ou (auto)biográfica e, portanto, o objetivo da presente escrita é investigar as possibilidades desta metodologia específica para buscar conhecer esses fenômenos.

## **METODOLOGIA**

Para realizar a revisão bibliográfica, a base de dados escolhida foi o portal de periódicos da Capes. O recorte temporal utilizado foi de 2018 a 2022 e o descritor “narrativas (auto)biográficas.” Inicialmente, 377 trabalhos foram encontrados, entretanto, apresentaram predominância de algumas autoras. Assim, mudei a estratégia de busca e passei a usar como descritores os nomes das mesmas, sendo elas “Marie Christine Delory Momberger”, “Marie-Chistine Josso” e “Maria da Conceição Passeggi”. Encontrei 57 trabalhos, dos quais, após me aproximar do conteúdo de cada um, 6 foram escolhidos para incorporar a pesquisa. Neste artigo, irei trazer os trabalhos que possuem conteúdo relacionado às possibilidades investigativas da pesquisa (auto)biográfica. Por isso, não necessariamente os 6 trabalhos escolhidos serão trazidos a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Portanto, nesta parte do artigo, iremos trazer as principais contribuições dos trabalhos, concomitante às discussões que são pertinentes ao pano de fundo da pesquisa. Um ponto importante a ser ressaltado é que, como Passeggi e Souza (2016) comentam, existem nomenclaturas diferentes para se referir a esta concepção metodológica. Nas citações diretas deste artigo, será respeitada a nomenclatura que cada autora utiliza, mesmo que sejam diferentes.

No diálogo com Delory-Momberger (2016), vamos começar a traçar nosso caminho de desenvolvimento. Segundo a autora, o campo da pesquisa biográfica, enquanto metodologia, é compartilhado com outras áreas do conhecimento, como a psicologia e a sociologia. Ademais, que a “entrada específica da pesquisa biográfica, seu foco e o saber que ela procura diz

respeito ao *biográfico* enquanto dimensão constitutiva da gênese e do tornar-se socioindividual.” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136, grifo da autora)

Este tornar-se socioindividual que a autora enuncia é um processo pelo qual todos nós, enquanto seres humanos, passamos. E tal processo se dá em uma dimensão temporal. Estamos sujeitos à temporalidade da vida humana que, independente de nosso querer, nos persegue. Mas é nesse decorrer temporal que temos a oportunidade de construir nossa biografia, que é única e particular de cada pessoa, já que, assim como Frankl (2021), também acreditamos que somos pessoas únicas e irrepetíveis. Logo, nossas histórias de vida também são. Por mais que tenha similaridades entre aquilo que se vive, a experiência de cada pessoa é única e indivisível. Por exemplo, um número significativo de pessoas têm a oportunidade de cursar o Ensino Básico e o Médio, esse é um ponto comum entre elas; mas como estas fases da vida serão vividas e a experiência gerada a partir delas, é pessoal de cada um. Trazendo o raciocínio para o Ensino Superior: mesmo pessoas que estejam fazendo um mesmo curso, terão experiências diferentes e, com isso, diferentes caminhos biográficos serão constituídos. Essa experiência que se dá no tempo da existência humana, podemos definir, com base em Delory-Momberger, de *temporalidade biográfica*: é uma dimensão da constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136, grifo da autora).

Ao realizar uma atividade biográfica dentro dos princípios desta corrente metodológica, também é possível que o sujeito se aproprie de sua própria biografia, possibilitando também que ele encontre sentidos diversos em experiências já vividas anteriormente, abordando o passado, ou experiências sendo vividas agora, no presente. É uma espécie de lógica de subjetivação.

O que faz surgir essa lógica de subjetivação e de apropriação biográfica é a dimensão socializadora da atividade biográfica, o papel que ela desempenha na forma como os indivíduos compreendem a si mesmos e se estruturam numa relação de coelaboração de si e do mundo social. A atividade biográfica realiza assim uma dupla e complementar operação de subjetivação do mundo histórico e social e da socialização da experiência individual: ela é ao mesmo tempo e inseparavelmente aquilo por que os indivíduos se constroem como seres singulares e é por isso que se produzem como seres sociais. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.138)

A questão da escolha, principalmente, a partir do recorte feito neste artigo, de um curso de nível superior, como foi dito na parte introdutória, perpassa muitos fenômenos subjetivos. Não podemos negar a influência que agentes e fatores externos possuem neste processo. Se desde crianças já somos questionados sobre o que vamos querer ser quando crescer, o que é

uma alusão implícita (ou até explícita) com essa relação da escolha por um curso superior, por si só, já podemos afirmar que este é um fator externo. As pessoas próximas, por exemplo, nossos pais e mães, geralmente são os precursores desses questionamentos. Mas também é inegável um certo nível de cobrança social para que uma faculdade seja feita. Também na parte introdutória, no diálogo com Coulon (2008), vimos que estar fazendo um curso de nível superior representa uma ideia de sucesso e obtenção de um novo status social. O que confere mais uma influência externa em nossas escolhas de caráter subjetivo. Poderíamos nomear e descrever outras, como o status de “superioridade” que alguns cursos específicos possuem sobre outros nas universidades e que, muitas vezes, são buscados justamente pelo status que cursá-los possui. Mas o que quero chamar a atenção com esses exemplos, é que a pesquisa e a atividade biográfica, além do foco no sujeito e nas suas experiências, também considera os fatores objetivos e sociais que influenciam nossa temporalidade biográfica. Portanto, outra possibilidade desta metodologia é a união entre o social e o pessoal, entre aquilo que é objetivo e aquilo que é subjetivo. Delory-Momberger destaca:

[...] a pesquisa biográfica, longe de se opor ao indivíduo - a subjetividade individual - e o social como duas entidades separadas que deveriam se enfrentar, concentra-se, ao contrário, em manter juntos os dois termos de uma relação de instituição recíproca. O biográfico não é apenas um espaço de mediação e de articulação entre o individual e o social: ele é simultaneamente o lugar de uma instituição do indivíduo e de uma realização social, no âmbito da sua produção recíproca. Fixando para si como objeto os modos de constituição do indivíduo enquanto ser social singular, a pesquisa biográfica deve a si mesma, assim, com-preender, dizendo de outra forma, tomar em conjunto o que constitui precisamente a interface que ela se propõe a analisar e compreender: ao mesmo tempo, a agentividade individual e a estrutura social, a experiência singular e os “quadros da experiência”, a “sociedade vivida” e a “sociedade constituída”. O tornar-se biográfico é sempre o produto de uma interação entre a ação dos indivíduos e o determinismo das estruturas, e a maneira pela qual as pessoas explicam pela narrativa (se explicam a si mesmas) vias e processos pelos quais elas se constituíram não pode deixar de recortar as estruturas sincrônicas e diacrônicas que moldam os percursos individuais. No entanto, tomando em conjunto os dois polos da relação indivíduo-sociedade, o que procura capturar a pesquisa biográfica é a configuração singular de fatos e de situações, de crenças e de representações, de valores e de afetos segundo a qual os sujeitos tramam sua existência, são as construções de forma e de sentido que eles dão a suas experiências. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141-142)

Em um trabalho de Josso (2007), também encontramos características importantes que contribuem para atingir o objetivo do presente artigo. Segundo ela, existem locais que são orientados para desenvolvimento pessoal, cultural, de competências sociais ou para formação profissional e que englobam expectativas pessoais de cada pessoa que os buscam. Por exemplo, a expectativa de obtenção de um diploma ao entrar em uma faculdade. Mas, acima disso, esses locais também são de formação, ou, como ela define, são lugares educativos. Por

serem de formação, trabalham com a existencialidade humana e a identidade que é constituída com o passar do tempo. (JOSSO, 2007)

A Universidade pode ser entendida como um desses lugares formativos onde as pessoas buscam um diploma, mas também constroem sua identidade. A autora nos ajuda a pensar sobre como um trabalho tendo como base a biografia, pode ajudar a identificar como esse fenômeno subjetivo acontece e suas relações.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua freqüente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular. (JOSSO, 2007, p.414-415)

Podemos perceber que a construção da identidade perpassa o campo da subjetividade, que está em constante transformação. Não é incomum que uma pessoa entre em uma faculdade e em algum momento, através dessas experiências que envolvem descobertas de sua própria identidade, passe a se identificar com outro curso, desejando fazer uma mudança. Ou que não encontrasse muito sentido em estar na faculdade e que através de algum acontecimento, encontre o sentido que preencha essa lacuna. As possibilidades são muitas, mas todas envolvem processos subjetivos que, como as autoras mostram, podem ser investigados através da metodologia proposta. Cabe-nos pensar: o que será que narrativas (auto)biográficas de discentes de nível superior de diversos cursos de licenciatura teriam a dizer a respeito destes processos subjetivos que os motivaram a escolher a área de Educação como formação profissional? Essa pergunta é um dos alicerces que motivaram a construção da dissertação em questão.

Passeggi e Souza também nos ajudam a pensar. Segundo a autora e o autor, as narrativas:

[...] tornam-se, ao mesmo tempo, um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para explicar a natureza e as condições da existência humana (ibidem), constituindo-se entradas potencialmente legítimas para se ter acesso aos modos como o sujeito (ou uma comunidade) dá sentido à sua experiência, organiza suas memórias, justifica suas ações, silencia outras. Nesse sentido, elas oferecem padrões de interpretação, que contribuirão, tanto para o conhecimento do humano,

quanto para o próprio aprimoramento da pesquisa qualitativa interpretativa. (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.9)

Tendo feito essas considerações sobre as possibilidades da pesquisa biográfica e (auto)biográfica, concluímos ser possível a utilização delas para a metodologia da dissertação. São várias as possibilidades de trabalho com estas perspectivas metodológicas. Podem ser feitas através de desenho, pintura, escrita, verbal, entre outras. Portanto, o próximo passo é escolher qual desses caminhos seguir para investigar os processos subjetivos que motivaram a escolha e a permanência de discentes dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Juiz de Fora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Tendo em vista que na dissertação o objetivo principal era investigar os valores existenciais e os sentidos de vida por trás do que motivou a escolha em fazer um curso de Licenciatura, foi preciso buscar alguma metodologia que, dentre suas possibilidades, havia a de trazer a tona esses fenômenos subjetivos.

Ao realizar uma revisão bibliográfica inicial sobre o tema dos valores existenciais e os sentidos de vida de estudantes universitários, nos deparamos com as metodologias biográficas e (auto)biográficas. Para conhecer mais sobre elas, foi necessário outro movimento de revisão bibliográfica. Dos 57 trabalhos encontrados sobre o tema, 6 foram escolhidos para uso na dissertação e alguns foram trazidos neste artigo com o objetivo de apresentar os resultados da revisão bibliográfica, a saber, se seria possível seu uso para alcançar o objetivo da dissertação.

Por fim, pudemos concluir que essas metodologias biográficas e (auto)biográficas seriam de grande ajuda e poderiam sim ser utilizadas na dissertação para investigar os fenômenos subjetivos dos valores existenciais e sentidos de vida por trás das motivações dos discentes de cursos de Licenciatura a escolher esta habilitação e permanecer na mesma.

## REFERÊNCIAS

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. A Pesquisa Biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 14 jan. 2022.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**, 53. ed., São Leopoldo: Vozes, 2021.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez., 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 14 jan. 2022.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigacion Cualitativa**, v. 2, n. 01, p. 6-26, jun., 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/33544160/O\\_Movimento\\_Auto\\_Biogr%C3%A1fico\\_no\\_Brasil\\_Esbo%C3%A7o\\_de\\_suas\\_Configura%C3%A7%C3%B5es\\_no\\_Campo\\_Educacional](https://www.academia.edu/33544160/O_Movimento_Auto_Biogr%C3%A1fico_no_Brasil_Esbo%C3%A7o_de_suas_Configura%C3%A7%C3%B5es_no_Campo_Educacional). Acesso em: 14 jan. 2022.